

Histórias das casas das avós: lembranças e materialidades nas Villas e Casas de Catálogo em Pelotas, RS, Brasil

The stories of the grandmothers' houses: memories and materialities in the Villas and Catalogue Houses in Pelotas, RS, Brazil

Historias de las casas de las abuelas: recuerdos y materialidades en las Villas y Casas de Catálogo en Pelotas, RS, Brasil

Franciele Fraga Pereira *

Universidade Federal de Pelotas; Faculdade de Arquitetura e Urbanismo; Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Pelotas (RS), Brasil.
franfragap@gmail.com

Louise Prado Alfonso

Universidade Federal de Pelotas; Instituto de Ciências Humanas; Programa de Pós-Graduação em Antropologia; Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Pelotas (RS), Brasil.

Aline Montagna da Silveira

Universidade Federal de Pelotas; Faculdade de Arquitetura e Urbanismo; Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Pelotas (RS), Brasil.

* Autora correspondente.

CRediT

Contribuição de autoria: Concepção; Análise; Coleta de dados; Metodologia; Redação – rascunho original: PEREIRA, F. F.; Concepção; Metodologia; Supervisão; Redação – revisão e edição: ALFONSO, L. P.; SILVEIRA, A. M.

Conflitos de interesse: As autoras certificam que não há conflito de interesse.

Financiamento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Aprovação de ética: As autoras certificam que não houve necessidade de aprovação de Comitê de Ética.

Uso de I.A.: As autoras certificam que não houve uso de inteligência artificial na elaboração do trabalho

Editores responsáveis: Daniel Sant'Ana (Editor-Chefe); Elane R. Peixoto (Editora Associada); Ana Elisabete Medeiros; Sarah A. B. Vencio (Assistente Editorial).

Resumo

As *Villas* e Casas de Catálogo, em Pelotas, RS, Brasil, tratam-se de um tipo arquitetônico residencial do início do século XX. Os remanescentes arquitetônicos ainda presentes na cidade são, em grande parte, reconhecidos por sua comunidade envolvente como bens importantes para identidade local. Mesmo com esse reconhecimento, a maior parte dessas edificações ainda não conta com instrumentos legais de proteção patrimonial, contra possíveis demolições ou descaracterizações. Suas características peculiares e sua iminente fragilidade, frente à especulação imobiliária e possíveis transformações que descaracterizariam os imóveis, motivaram o estudo e registro desses bens. A realização de entrevistas através de roteiros semiestruturados, a partir do contato com moradoras e moradores, presencialmente e em formato remoto, possibilitou entender como era e como ainda é habitar esses espaços, demonstrando a indissociabilidade entre a materialidade e os vínculos das pessoas com essas residências. Dentre as entrevistadas, os relatos de um grupo especial tomaram destaque, as avós. As falas dessas interlocutoras sobre suas residências fazem frequentemente relações com suas histórias de vida e trajetórias familiares. Dessa forma, possibilitam uma conexão irrefutável entre suas lembranças, sentimentos e a materialidade dessas residências.

Palavras-Chave: Patrimônio arquitetônico; Patrimônio imaterial; *Villas* e Casas de Catálogo; Avós; Família; Pelotas-RS.

Abstract

The *Villas* and Catalogue Houses in Pelotas, RS, Brazil, are a type of residential architecture from the early 20th century. The architectural remnants still found in the city are, by the majority, recognized by the local community as important assets of local identity. Even with such recognition, most of these buildings still do not have legal heritage protection against potential destruction or de-characterization. Their peculiar features and their imminent fragility, due to real estate speculation and possible transformations that would de-characterize these buildings, motivated this study and the registration of these assets. Interviews with semi-structured scripts, based on contact with residents, both in person and remotely, made it possible to understand what it was and still is like to inhabit these spaces, highlighting an indissociable aspect between materiality and people's bonds with these properties. Among interviewees, the stories of a special group were especially notable: the grandmothers. They often talk about their homes in connection with their life stories and family journeys. Thus, these women make an irrefutable connection between their memories, their feelings and the materiality of these houses.

Keywords: Architectural heritage; Intangible heritage; *Villas* and Catalogue Houses; Grandmothers; Family; Pelotas-RS.

Resumen

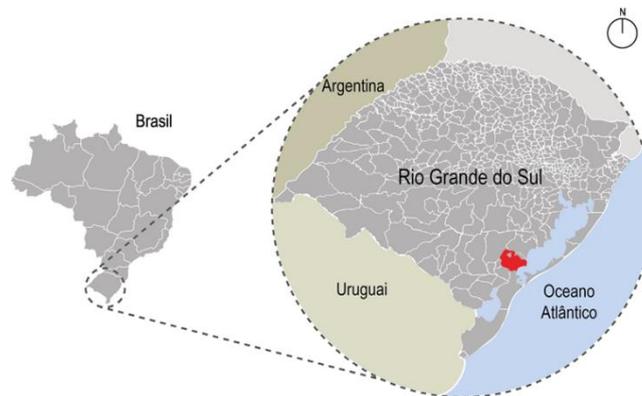
Las *Villas* y Casas de Catálogo, en Pelotas, RS, Brasil, se tratan de un tipo arquitectónico residencial de principios del siglo XX. Los restos arquitectónicos aún presentes en la ciudad son, en su mayoría, reconocidos por su comunidad circundante como bienes importantes para la identidad local. A pesar de este reconocimiento, la mayoría de esas edificaciones aún no cuentan con instrumentos legales de protección del patrimonio, contra posibles demoliciones o descaracterizaciones. Sus características propias y su inminente fragilidad, ante la especulación inmobiliaria y las posibles transformaciones que descaracterizarían los inmuebles, motivaron el estudio y registro de esos bienes. La realización de entrevistas a través de guiones semiestructurados, a partir del contacto con los residentes, en persona y en formato remoto, permitió comprender cómo era y cómo sigue siendo habitar esos espacios, demostrando la inseparabilidad entre la materialidad y los vínculos de las personas con esas viviendas. Entre las entrevistadas, los relatos de un grupo especial ganaron destaque, las abuelas. Las declaraciones de estas interlocutoras sobre sus casas con frecuencia se relacionan con sus historias de vida y sus trayectorias familiares. De esta manera, posibilitan una conexión irrefutable entre sus recuerdos, sentimientos y la materialidad de esas residencias.

Palabras Clave: Patrimonio arquitectónico; Patrimonio inmaterial; *Villas* y Casas de Catálogo; Abuelas; Familia; Pelotas-RS.

1 Introdução

Pelotas é uma cidade localizada no sul do estado do Rio Grande do Sul, Brasil, que conta com aproximadamente 343 mil habitantes (IBGE, 2022). Está distante cerca de 260 km da capital do estado, Porto Alegre, e 144 km da fronteira com o Uruguai (Figura 1). O município consolidou-se há pouco mais de 200 anos devido ao desenvolvimento econômico impulsionado pela produção de charque, que é o nome dado à carne salgada e seca ao sol, alimento consumido pela população escravizada até o fim do século XIX (Gutierrez, 1999).

Figura 1: Mapa de localização. Destacada, em vermelho, o município de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil.



Esse acúmulo de capital impulsionou o desenvolvimento urbano da cidade, principalmente a partir da segunda metade do século XIX, momento em que são construídas edificações relevantes para a história da cidade (Gutierrez, 1999). Diversos edifícios remanescentes desse período são reconhecidos pelo governo federal como Bens Culturais, sendo assim, protegidos legalmente de possíveis demolições ou descaracterizações.

Atualmente, o município conta com vasto e diversificado acervo arquitetônico em sua malha urbana, com reconhecimentos e instrumentos legais de proteção em nível municipal, estadual e federal. Dessa forma, ao caminhar pelas ruas de seu centro histórico, é possível identificar bens de diversas temporalidades coexistindo lado a lado, compondo um palimpsesto¹ urbano (Pereira Costa; Gimmler Netto, 2015).

Dentre essa diversidade aponta-se o tipo arquitetônico conhecido localmente como “Villas” e “Casas de Catálogo”. As referidas residências são contemporâneas ao início do século XX, e se destacam na paisagem por se implantarem em meio aos jardins, utilizando recuos de afastamento dos limites dos lotes. Apesar de sua relevância, esse tipo arquitetônico não possui um instrumento de proteção próprio, tendo apenas algumas edificações pontuais reconhecidas e protegidas pelos órgãos governamentais.

Essa particularidade indica a importância da ampliação de estudos sobre esses bens, já abordados por Schettino (2012) e Homem (1996) em outros contextos, e por Schlee (1993) em uma breve abordagem local. O estudo desse tipo arquitetônico na cidade e a busca pelo entendimento não somente de suas características físicas, mas também sobre a sua

¹ Palimpsesto é o nome que se dá ao papiro ou pergaminho cujo texto inicial foi raspado, para dar lugar a outro escrito. Apesar dessa ação, por vezes, o suporte ainda guarda vestígios da obra anterior.

relevância e envolvimento com seus habitantes, motivaram o contato com essas pessoas, como explorado no trabalho de Pereira (2021), que contemplou uma leitura multidisciplinar tratando aspectos materiais e imateriais desses bens. Dentre as entrevistas realizadas, um grupo em especial chamou atenção para os relatos: as avós. Além de suas lembranças sobre momentos anteriores da cidade, as avós descrevem em suas falas a importância dessas residências para suas famílias e a forte vinculação dos laços afetivos mantidos com esses bens materiais.

Nessa perspectiva, o presente artigo propõe uma breve caracterização das *Villas* e Casas de Catálogo em Pelotas, RS, Brasil, evidenciando, através dos relatos de moradoras dessas edificações, os vínculos afetivos delas com essas coisas – segundo os estudos de Ingold (2012). E também o seu esforço constante de manter os referidos bens, seja em relação à necessidade de manutenções e/ou à resistência às propostas advindas do setor imobiliário, que veem em seus lotes a oportunidade de construção de edificações multifamiliares de diversos pavimentos.

1.1 Medidas de Proteção dos Bens Culturais em Pelotas

Pelotas possui bens protegidos no âmbito federal, estadual e municipal, desde meados da década de 1950 (Oliveira; Silveira 2014). Em 2018 foi realizado o mais recente tombamento da cidade, que contemplou a proteção de um conjunto de bens na área urbana, junto à quatro praças, um parque e uma charqueada (Iphan, 2018). O parecer que indicou esse reconhecimento destaca a existência de uma legislação municipal bastante avançada para a proteção do acervo local.

Além dos bens tombados, a cidade possui um expressivo acervo de bens inventariados, cuja disposição georreferenciada na malha urbana pode ser observada no site da prefeitura municipal (Pelotas, [2022]). Motta e Rezende (2016) destacam que os inventários estão na origem da constituição do campo da preservação do patrimônio cultural e são instrumentos de registro, identificação, valorização e proteção dos bens. Como podem ser utilizados amplamente, sua conceituação é dinâmica e podem recorrer a estratégias diferentes para a atribuição de valor dos bens inventariados, a depender do sítio, período histórico e/ou natureza do bem estudado.

Segundo a Prefeitura Municipal de Pelotas (2008, p. 14):

O Inventário do Patrimônio Histórico e Cultural é um instrumento de cadastro que contém informações a respeito dos bens culturais. É um reconhecimento da arquitetura e do espaço urbano da cidade e destina-se à preservação do conjunto das edificações em seu contexto urbano.

No município esse instrumento de proteção está regulamentado pela Lei nº 4568 promulgada no ano de 2000 e resguarda as fachadas públicas e a volumetria dos bens inventariados contra descaracterizações ou demolições (Pelotas, 2000).

Apesar da diversidade de bens edificados em Pelotas, observa-se certa predileção pelas edificações em linguagem eclética. O Eclétismo teve seu apogeu na cidade na segunda metade do século XIX, período em que a cidade teve grande desenvolvimento econômico e, conseqüentemente urbano e arquitetônico, devido ao auge do ciclo econômico do charque (Gutierrez, 1999). Os edifícios produzidos nesse período são majoritariamente reconhecidos pelos instrumentos de tombamento e inventário, além de recorrentemente serem publicizados nas campanhas turísticas da cidade. Esse acervo de arquitetura

eclética, composto de bens reconhecidos em níveis municipal, estadual e federal, traduzem em seus aspectos físicos os desejos do século passado de trazer a Pelotas costumes e a ambiência europeia (Magalhães, 1993).

Um exemplo de bens culturais tombados em nível nacional em Pelotas é o conjunto de casas situadas junto à Praça Coronel Pedro Osório, de números 2, 6 e 8. O conjunto arquitetônico é composto pelas antigas residências de charqueadores e políticos das famílias tradicionais da cidade. Essas residências representam a produção arquitetônica local na segunda metade do século XIX, com avançado requinte de materiais e técnicas de construção (Figura 2).

Figura 2: Conjunto Arquitetônico formado pelos casarões 2, 6 e 8 no entorno da praça Coronel Pedro Osório, em Pelotas, RS, Brasil.



As características morfológicas urbanas da cidade nesse período, bem como as técnicas construtivas e o reflexo do gosto europeu, ressoavam na produção arquitetônica. Os lotes tinham formato retangular, com testada estreita e profundidade avantajada. As edificações ocupavam boa parte dos limites frontais dos lotes, de forma que o limite entre o público (rua) e o privado (casa) se dava através da fachada da edificação.

No final do século XIX, as cidades brasileiras passaram por uma série de acontecimentos que causaram transformações físicas e sociais impactantes. A abolição da escravidão, em 1888 e a Proclamação da República, em 1889 propiciaram relevantes modificações políticas, sociais e econômicas. Somadas a isso, nas décadas que se sucederam, as cidades foram assoladas por epidemias de doenças contagiosas, dentre elas a varíola, peste bubônica, febre tifoide e a gripe espanhola (Gill, 2005).

Impulsionadas por essa crise sanitária, aliado aos avanços científicos e tecnológicos, a virada do século XIX para o XX trouxe a Pelotas e a diversas outras cidades brasileiras uma série de mudanças nas infraestruturas. A chegada à malha urbana das canalizações de água em 1875, do telefone em 1888, dos automóveis em 1905, das redes de esgotos em 1914, da iluminação elétrica em 1915, dentre outras inovações implicou consequentemente na reformulação das áreas públicas e privadas da cidade (Santos, 2014).

2 As Villas e Casas de Catálogo em Pelotas

Nas primeiras décadas do século XX começou a se difundir, principalmente nas proximidades dos limites urbanos da cidade, uma nova proposta de habitação (Schlee, 1993). Essas edificações, que desde a sua concepção já incorporavam as novas infraestruturas, diferenciavam-se das propostas anteriores devido a sua implantação, em meio à jardins, como pode ser observado no exemplar representado na Figura 3. Essa característica demonstrava através da materialidade o quanto essas edificações buscavam representar o que havia de mais moderno e salutar no período (Pereira, 2021).

Figura 3: Residência estudada.

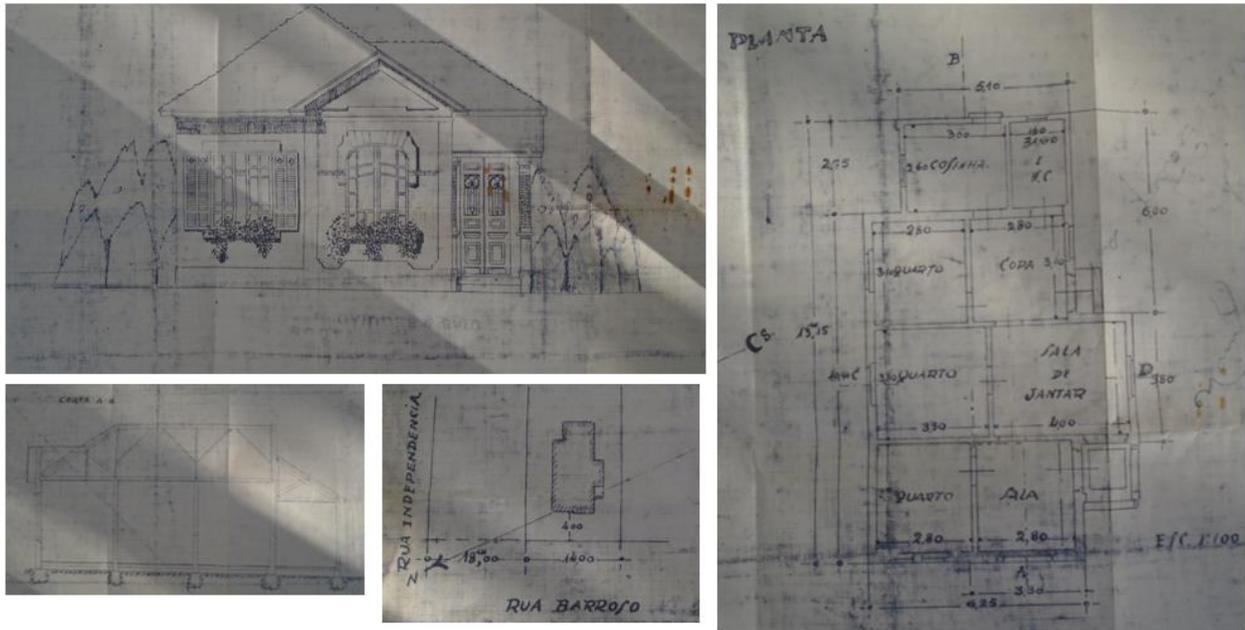


Ainda remanescentes da arquitetura eclética, as *Villas*, foram difundidas nas camadas mais abastadas da sociedade pelotense. Segundo Schlee (1993), esse tipo estava dentro o escolhido pelos industriais da cidade nas primeiras décadas do século XX. Ainda nesse período nota-se sua difusão e a popularização, resultando nas chamadas “Casas de Catálogo”. De acordo com Pereira Costa e Gimmler Netto (2015), com base na análise da Escola Italiana de Morfologia Urbana, essa simplificação é considerada uma diversificação do processo tipológico.

Ambos os termos “*Villas*” e “Casas de Catálogo” representam o mesmo tipo arquitetônico, também chamado em outros lugares do país como “Bangalôs”. A partir de revisões bibliográficas, de consultas a acervos físicos e digitais e da busca por remanescentes na cidade, foi possível entender diversas características desse tipo arquitetônico, que foram espacializados no trabalho de Pereira (2021). A Figura 4 apresenta um dos documentos levantados nessa fase do estudo. As particularidades desse tipo, sua recorrência na malha urbana, sua implantação no lote, suas características organizacionais, dentre outras especificidades foram algumas das temáticas estudadas em fases precedentes da pesquisa (Pereira, 2021; Silva; Silveira; Pereira, 2021).

Apesar da falta de instrumentos de proteção para a maior parte desse tipo arquitetônico em Pelotas, esses exemplares são constituintes da sua malha urbana e reconhecidos como bens importantes pela sua comunidade envolvente. Esse sentimento pode ser observado principalmente nas redes sociais, com manifestações de pesar quando são postados registros de arruinação ou demolição de algum desses bens.

Figura 4: Composição das peças gráficas de Projeto arquitetônico de exemplar estudado, para a caracterização do tipo arquitetônico, objetivando a sua valoração.



Fonte: Prefeitura de Pelotas, Secretaria de Gestão da Cidade e Mobilidade Urbana, 1927, modificado pelas autoras, 2024.

Embora o entendimento quanto às características físicas das *Villas* e Casas de Catálogo em Pelotas tenha avançado consideravelmente, observou-se a necessidade de um olhar mais profundo para a temática, para além de suas características físicas, buscando entender não apenas a materialidade, mas também as relações simbólicas com esses objetos de estudo. Para atender essa demanda, foram realizadas entrevistas com moradoras e moradores, a fim de entender como foi (e como ainda é) habitar essas residências, através dessas narrativas, pode-se perceber a força dos laços que unem essas famílias a esses objetos.

Essa prática trouxe uma visão interdisciplinar para a pesquisa, pois além de observar os objetos a partir de sua materialidade constituída buscou-se, através do contato com as pessoas, uma aproximação com o campo da antropologia. Essa visão alinha-se com as perspectivas mais contemporâneas de patrimônio, que teorizam o campo como um processo cultural de significado e memória (Smith, 2006).

Foram ouvidas pessoas com diversos perfis, idades variadas, diferentes gêneros e múltiplas perspectivas. Dentre a pluralidade de histórias e relatos, aqueles originados de um perfil em específico se destacaram. Esse trabalho tem como foco os relatos das avós, suas falas, vivências e impressões quanto à casa que habitam.

3 Caminhos metodológicos

As etapas preliminares da pesquisa contaram com o estudo sobre o tipo arquitetônico, incluindo etapas de revisão bibliográfica, pesquisa historiográfica e registro dos remanescentes na cidade. Um panorama mais detalhado do estudo pode ser conferido em Pereira (2021). A etapa de entrevistas com as moradoras dessas residências, principal metodologia descrita aqui, foi realizada entre maio de 2020 e abril de 2021, período em

que o Brasil ainda enfrentava um avanço da Covid-19. O contato com as entrevistadas ocorreu através de indicações de moradores da cidade.

A busca consistia em contatar pessoas que habitam ou habitaram essas residências estudadas. Previamente ao encontro com as interlocutoras, foram elaborados roteiros semiestruturados com algumas perguntas que abordavam temáticas de interesse da investigação. A intenção foi de estimular o início da conversa, deixando as entrevistadas confortáveis para aprofundar aqueles assuntos nos quais se sentiram mais à vontade. Após as entrevistas, as temáticas que surgiam espontaneamente nos relatos eram incorporadas nos roteiros subsequentes. Todos os encontros foram gravados, com consentimento das entrevistadas e posteriormente transcritas integral ou parcialmente.

Foram realizadas dez entrevistas, com doze pessoas (duas delas foram realizadas em duplas). Dentre as interlocutoras, apenas duas não habitavam algum dos exemplares estudados no momento dos relatos, mas o fizeram em períodos anteriores. A maioria das pessoas entrevistadas foram mulheres, nove ao total, dentre elas quatro avós.

Dado o caráter da pesquisa, buscando entender os vínculos das interlocutoras com suas residências, a primeira intenção para a realização das entrevistas era fazê-las presencialmente. Tendo em vista a idade avançada de algumas entrevistadas, acreditava-se que esse contato presencial poderia gerar maior envolvimento, permitindo que se sentissem mais à vontade. Entretanto, devido às indicações de isolamento físico social impostas pela pandemia, a maioria dos encontros foi realizado de maneira remota.

Algumas entrevistadas demonstraram pouca intimidade com os meios tecnológicos, e outras relataram ser a primeira vez que estavam realizando chamadas desse tipo. Nesses casos, houve o auxílio de familiares próximos na utilização dos aplicativos de videochamadas; em alguns casos, uma neta/o ou filha/o as auxiliava.

Havia o receio, por parte das pesquisadoras, que o uso das tecnologias intimidasse as entrevistadas ou que, pela idade das interlocutoras, o acesso à internet fosse menos usual. Apesar disso, as conversas virtuais fluíram bem, sendo que algumas entrevistas tiveram até quase três horas de duração. Dessa forma, a utilização das tecnologias não se mostrou como um empecilho à realização dessa etapa da pesquisa.

No princípio, o interesse das entrevistas era entender como as interlocutoras habitavam o espaço da casa. Nesse sentido, as perguntas do roteiro semiestruturado geralmente iniciavam a conversa com indagações como: “Quando a senhora veio morar aqui?”, “Como era a vida nessa casa?”, ou ainda “Quais eram os cômodos mais utilizados pela família?”. As entrevistadas prontamente iniciavam seu relato e, de uma maneira talvez óbvia, mas não esperada pelas pesquisadoras, respondiam os questionamentos através dos relatos e histórias de suas vidas naqueles ambientes.

Após a coleta de dados foi realizada a reflexão sobre o material coletado com base em autores como Lins de Barros (1987), Velho (1981) e Bosi (1979). A interlocução com a bibliografia auxiliou no processo de compreensão acerca das relações simbólicas que atravessam os objetos materiais, nesse caso, os relatos e afetos dos vínculos familiares com suas casas.

4 Resultados: histórias das casas das avós

O material coletado apresentou densidade diferenciada em seu conteúdo. Cada entrevista teve caráter único, já que, ao falar de suas casas, as entrevistadas sempre o faziam comentando sobre a sua vida naquele lugar. Os resultados se diferenciavam, principalmente, em relação ao tempo que as entrevistadas moraram nessas residências, a duração da entrevista e a empolgação da interlocutora para a realização da proposta. Ecléa Bosí (1979, p. 1) descreve que o que há de maior valor nos relatos não se relaciona com a veracidade das histórias contadas ou com a exata cronologia das datas, pois “nosso interesse está no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida.”

A fim de nos aproximarmos dessas histórias, apresentamos um breve relato de cada uma dessas interlocutoras. Dentre as avós entrevistadas, podemos identificar dois grupos com características próprias: as interlocutoras M. Z. e L. M. são senhoras que tem por volta de noventa anos de idade e habitam suas residências há mais de sessenta anos. Isso possibilitou relatos com maior número de histórias familiares e também recordações mais antigas da vida doméstica.

No momento de sua entrevista, a interlocutora M. Z. relatou que tinha 95 anos. Viúva desde 1969 não se casou novamente. Teve oito filhos, dos quais dois deles já são falecidos. Sua família é grande, com vários netos e bisnetos que a visitam com certa frequência. Atualmente mora sozinha na mesma casa que abrigou ela, seu marido e filhos na década de 1960.

A interlocutora L. M. também é viúva e tem 87 anos. Reside na mesma casa desde seus sete anos de idade, momento em que se muda para esse local com seus pais e irmãos. A edificação passa por modificações ao longo das décadas. Atualmente, L.M. mora sozinha e relata que “só vou sair daqui no caixão”.

O segundo grupo traz as falas das interlocutoras I. e L.E que são mais jovens, tem em torno de setenta anos de idade. Suas experiências nas casas são mais curtas. Esse tempo menor de experiência com os objetos de estudo não os fazem menos especiais para as interlocutoras, tampouco as desqualifica ou diminui seus relatos.

A conversa com a interlocutora I. foi feita juntamente com seu esposo, o interlocutor E. Após um longo período morando em apartamentos alugados devido ao trabalho de E., que exigia mudanças constantes de cidades, com a aposentadoria, o casal adquire a referida casa no ano de 1995. Ambos relatam como a compra deste imóvel reflete o sonho de voltar à Pelotas, e finalmente, morar em uma “casa”. Os relatos sobre seu lar incluem a saudade dos netos, afastados no momento de isolamento social.

A interlocutora L. E., entrevistada juntamente com sua filha C. E., nos conta como a residência, que está na família há pelo menos quatro gerações, é importante para ambas. Os primeiros a morarem no imóvel foram os pais de L. E. e, atualmente, C.E. habita o local junto a seu esposo e filhos. Os relatos dessa avó remontam seu tempo juvenil nessa residência.

Incluiremos também algumas falas de A. M. e C. E. que trazem em seus relatos as recordações de suas/seus avós. Ambas as interlocutoras habitam, até os dias de hoje, casas que abrigaram três gerações de suas famílias. Seus relatos trazem não só suas histórias, mas também as histórias de seus antepassados.

As casas das interlocutoras, em sua maioria, foram construídas há quase um século. Dessa forma, alguns assuntos são recorrentes, dentre eles o tema das manutenções e da vida familiar. Nas conversas também apareceram temas correlatos, como lembranças de antigas ambiências da cidade ou antigos comportamentos e costumes. Os relatos tornaram-se um emaranhado sobre a vida, a casa, a cidade e suas vivências. Sobre esse tema, Bosi (2003, p. 204) afirma:

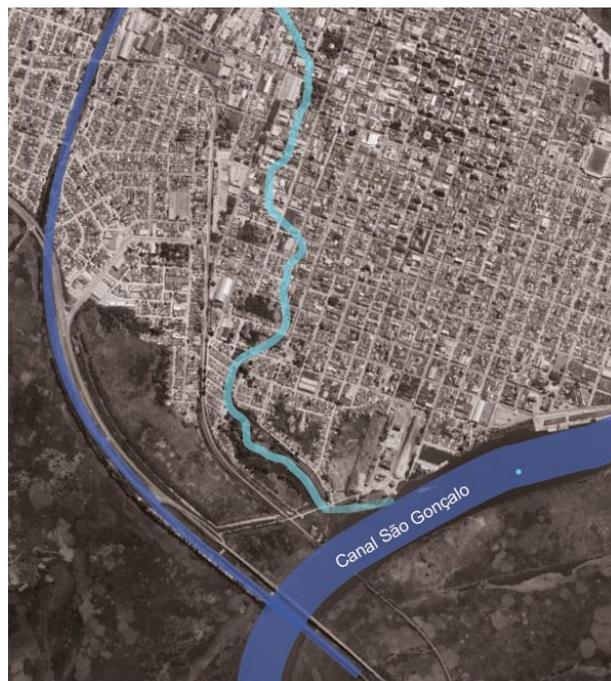
Escutando muitos depoimentos, nós percebemos que os bairros têm não só uma fisionomia como uma biografia. [...] Nas histórias de vida podemos acompanhar as transformações do espaço urbano; [...] A fisionomia amadurece, as arestas se arredondam, as retas se abrandam e o bairro acompanha o ritmo da respiração e da vida dos seus moradores. Suas histórias se misturam e nós começamos a enxergar nas ruas o que nunca viríamos, mas nos contaram.

Essa percepção de uma versão da cidade a qual já não é mais possível vivenciar foi abordado na entrevista com a interlocutora L.M., durante suas falas sobre os oitenta anos em que mora na residência, contou também sobre as transformações que a cidade sofreu:

Aqui no fim dessa quadra, essa rua era sem saída, porque passava o Santa Bárbara e tinha uma ponte de madeira bem estreitinha pra gente passar pro outro lado. Automóvel não entrava, porque não podia, tinha o Santa Bárbara pra atravessar.

L. M. relata nesse trecho, em meio às suas lembranças de infância, a presença desse elemento da cidade de Pelotas que já não existe mais, e que deixou tímidos rastros na malha urbana: a presença do Arroio Santa Bárbara. O referido curso d'água foi desviado da área urbana no final da década de 1960 (Figura 5).

Figura 5: Esquema que demonstra o antigo e sinuoso leito do Arroio Santa Bárbara (em azul claro), e o atual curso do mesmo arroio (em azul escuro).



Fonte: Desenho traçado pelas autoras (2024), sobre imagem de satélite do Google Earth, sem escala definida.

O relato dessa avó traz uma percepção da cidade que já não é mais possível vivenciar. Tampouco é viva na mente de seus moradores mais recentes. Nesse sentido, ressalta-se a importância e o valor único de relatos como os das entrevistadas.

Destaca-se que não foi somente sobre outras realidades materiais da cidade que as interlocutoras relataram suas vivências, mas também sobre antigos padrões comportamentais. A fala da interlocutora I. sobre o namoro revela que:

A minha mãe fazia assim, se tu sentar na cadeira que ele sentou tu engravida. Tem uma prima tua, elas me diziam o nome da prima, ela se secou na toalha que o namorado se secou e ela ficou grávida dele. Me assustaram assim, eu não podia nem me encostar nele, que eu tinha medo de beijar. Bom, pra pegar na minha mão foram sete meses.

As recordações das interlocutoras remetem aos comportamentos normativos esperados para as mulheres de classe média e burguesa da segunda metade do século XX. Nesse momento o ideal feminino valorizava a inocência e a pureza antes do casamento, e enaltecia a tríade “esposa – mãe – dona de casa” na relação conjugal (Maluf; Mott, 1998). Apesar disso, as avós entrevistadas reconhecem as mudanças de comportamento cultural, nos auxiliando a refletir acerca das transformações sociais e de gênero.

Para Lins de Barros (1987), as avós têm papel especial no que tange ao tema da permanência e da mudança. Suas lembranças e referências de gerações passadas, em contraponto com as suas expectativas e projetos para as gerações futuras, as colocam como figuras intermediárias desse cenário familiar.

Para Bosi (2003, p. 199), o ato de lembrar quando feito pelos velhos nos ajuda a constituir não apenas a sua história individual, mas também a composição global de uma realidade que não podemos acessar. Sobre isso a autora afirma:

A memória dos velhos desdobra e alarga de tal maneira os horizontes da cultura que faz crescer junto com ela o pesquisador e a sociedade em que se insere. [...] Uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu.

Além dos aspectos e características especiais no que tange o campo da memória, podemos ressaltar o papel peculiar e importante que essas personagens representam em seus núcleos familiares. Para a autora, as avós representam a figura que mescla as características de autoridade e afeto, influenciando ainda na organização da rotina familiar de seus filhos e, muitas vezes, servindo de referência na criação de netos.

A passagem por vários momentos do ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico, a idade e a experiência constituem dados concretos que servem, no presente, para a elaboração de discursos sobre sua posição na família, bem como sobre a mudança e a permanência de determinados valores familiares (Lins de Barros, 1987, p. 11).

Além de temas tais como as transformações físicas e sociais da cidade, os relatos das avós trazem principalmente a descrição de seu convívio e de suas relações familiares. Nesse sentido, as mulheres aqui entrevistadas, apesar de não morarem com seus descendentes no dia a dia, relatam recorrentemente uma casa cheia de filhos e netos, o que geralmente acontece apenas nos finais de semana ou datas festivas.

A primeira interlocutora a ser entrevistada, foi M. Z., em um dia de sol no jardim de sua casa. Logo no início de nossa conversa ela avisou, “Me chame de Vó M., é assim que todo mundo me chama”. M. Z. é a matriarca de uma família com oito filhos, muitos netos e bisnetos. Ela habita a mesma residência, na qual criou seus filhos, desde a década de 1960 e, sobre esse tempo, nos contou muitas histórias. Sobre os almoços em família dos fins de semana, ela relata:

Todo mundo vem aqui. Geralmente sábado eu faço almoço e aí vem todo mundo, ou churrasco ou almoço, quem pode vim vem e quem não pode vir não vem. Tá todo mundo a vontade. Ou telefonam para mim dizendo ‘vó nós estamos indo tudo pra aí’. Aí corro pra fazer uma coisa e tá tudo certo. A casa é assim. [sic]

A vinculação entre as avós, suas casas e respectivas realidades familiares, observada na pesquisa, também é comentada por Lins de Barros (1987), que destaca que, apesar das transformações sociais, para as avós, a casa permanece sendo como uma expressão do feminino.

A interlocutora L. M. tem perfil parecido com Vó M., ambas são viúvas e residem sozinhas. L.M. nos conta com orgulho suas histórias na residência que a abrigou por oito décadas. Entretanto, sobre o tema das visitas familiares, quando questionada, reage de maneira diferente.

Ah sim, inclusive eu não sei se estavam me visitando ou se era que tinham que fazer tempo pra ir pra outro lugar. Eu não sabia se era visita de netinho pra vovó, ou pra fazer tempo [risos]. Porque todo mundo mora longe do centro né e aqui é perto do centro.

A interpretação quanto ao papel das avós dentro da esfera familiar varia conforme a entrevistada. Essa característica já havia sido identificada por Lins de Barros (1987). Nesse sentido, a autora aborda a presença de maior ou menor interação das avós nos núcleos familiares de seus filhos e criação de netos. Essa peculiaridade, característica de cada núcleo familiar, pode ser observada nas falas citadas. De forma geral, a posição das avós dentro da família lhes garante certo papel de figura de referência. À frente, veremos como essa visão, associada a essas personagens, também se personifica nas materialidades de suas casas.

Outro tema recorrente nas entrevistas foram as expectativas sobre a morte e a preocupação quanto à continuidade de suas casas. As interlocutoras L. M e Vó M. fazem algumas alusões a esses temas, expressando suas preocupações quanto aos imóveis para quando não estiverem mais entre seus descendentes. Nesse sentido, L. M. nos conta:

Mas eu acho minha filha que o dia que alguém comprar isso aqui, vai comprar o terreno, e vai botar a casa abaixo. E vai fazer um edifício. Com certeza [...] Quem é que vai querer comprar isso aqui? Eu não compraria. [...] Pretendo sair daqui só no caixão.

Essa percepção de L. M. sobre os possíveis rumos da propriedade é uma preocupação verídica. Por se tratarem de lotes amplos e, em grande maioria, localizados próximos à área central da cidade, diversos desses bens têm sido alvo de especulações do ramo imobiliário, a fim de utilizarem seus lotes para a construção de edifícios multifamiliares.

Ainda sobre as manutenções e a preocupação com o futuro da residência, Vó M. relata sobre o processo, ainda em andamento, da manutenção nas janelas externas. Ela nos conta: “Estavam mal, estamos quebrando isso, aquilo. Digo, daqui a pouco eu morro e os herdeiros vão falar ‘que [desleixado] que a vó deixou isso aí?’, então eu mandei arrumar tudo”.

A necessidade de manutenções constantes é relatada por diversas interlocutoras. Esse é o caso por exemplo das instalações elétricas e hidráulicas. Sobre a necessidade de manutenções, L. M. nos explica:

Os canos quando furam, eu digo olha, muito bom quando fura um cano já se sabe. O instalador já conhece. Já vou ver quantos metros eu tenho que comprar de cano. Os canos tudo de chumbo, os canos de água aqui por baixo são tudo de chumbo. Então quando fura, então se troca. Porque pra cuidar de todos, tinha que se levantar o piso todo. Eu digo não, já tô muito velha pra isso. Então quando fura, vai naquele lugar, tira o cano dali, bota um cano plástico, e pronto.

Embora as *Villas* em Pelotas sejam reconhecidas como bem cultural pela sua comunidade envolvente, ressalta-se a dificuldade que alguns proprietários têm em mantê-las em estado pleno de funcionamento e integridade.

A prefeitura de Pelotas, através da lei nº 6178/2014, garante a isenção de Imposto de Propriedade Territorial e Urbana - IPTU para aqueles bens tombados ou inventariados, se devidamente bem conservados e/ou restaurados (Pelotas, 2014). Essa medida surge como um incentivo à preservação e conservação dos imóveis constituintes do centro histórico, mas evidentemente, não atende a todas as situações.

A interação entre a casa e seus habitantes é citada de maneiras diversas por todas/os interlocutoras/es. Para Ingold (2012), a casa pode ser entendida como “coisa”, ou seja, uma entidade atuante no meio. As casas aqui estudadas abrigam e participam da vida de seus habitantes. Elas podem fazer exigências de manutenção e se modificar para abrigar novos moradores. Para o autor, a casa não é só o abrigo das vidas humanas, mas também das plantas no jardim, dos animais (de estimação ou não) que ali adentram, e dos fungos que permeiam a fundação, de forma que “a casa real é uma reunião de vidas, e habitá-la é se juntar à reunião” (Ingold, 2012, p. 30).

O tema das modificações e modernizações também foi abordado por algumas entrevistadas, as quais, por vezes, apresentam visões diferentes sobre o assunto. L.E. por exemplo, nos conta de maneira emocionada sobre as impressões de sua família, quanto ao tema das modificações e modernizações da casa:

Eu hoje passeando com ela, eu disse C.E., o tamanho daquela casa, e hoje com a arquitetura que tá vindo, tem tanto tipo de reforma que tu podias fazer na casa. Ela me disse mãe, aquela casa é uma senhorinha e eu não quero descaracterizá-la.

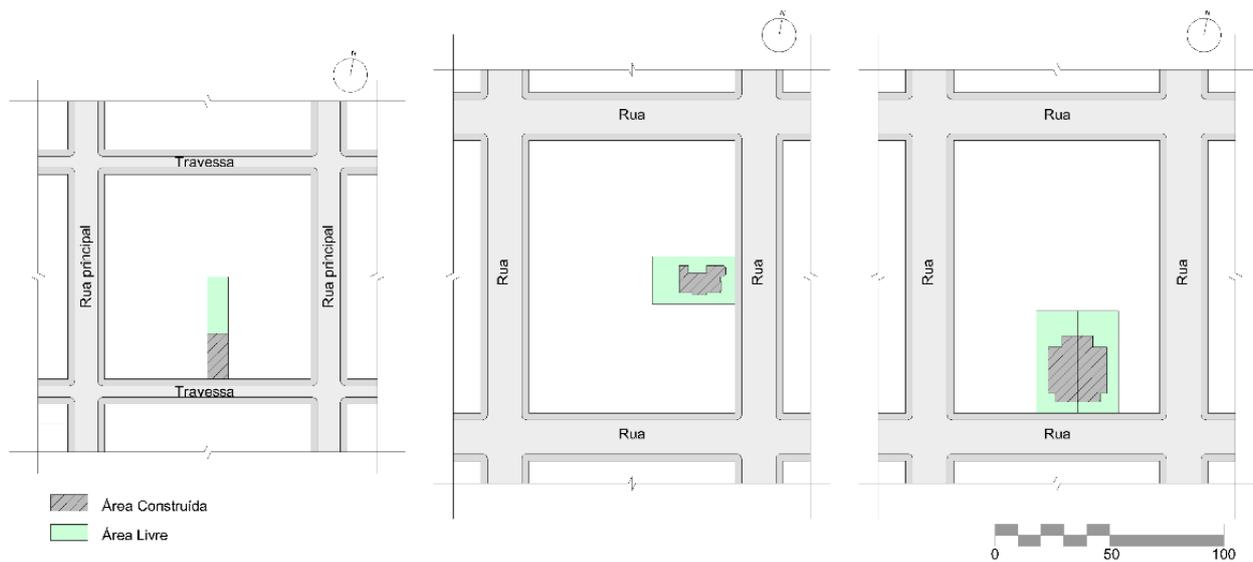
Para outra entrevistada, algumas modernizações na casa foram necessárias ao longo do tempo. Esse é o caso da casa de M.Z. Durante nossa entrevista, ela me mostra a última empreitada que havia feito no jardim de sua casa, a construção de uma churrasqueira, a fim de acomodar melhor os parentes nos almoços familiares de domingo.

Essas visões diferenciadas sobre os bens estudados trazem à tona a característica da heterogeneidade entre as concepções de patrimônio dentre as suas proprietárias. Nessa

perspectiva, torna-se evidente a característica relacional e dinâmica que os bens têm em relação à comunidade que os envolve (Smith, 2006).

A utilização dos pátios e jardins nessas residências é propiciada pela organização do tipo arquitetônico, inserida em meio a jardins (Pereira, 2021). Essa característica diferencia as residências estudadas de outras antecedentes ao período das *Villas*. A arquitetura da malha urbana consolidada tem conformação diferente, geralmente está inserida em terrenos menores, o que impossibilita ou reduz a utilização de recuos laterais e frontais. Nesses casos, possuem como área aberta, geralmente, apenas o quintal aos fundos do terreno. A Figura 6 busca demonstrar, através do esquema gráfico exemplos da implantação tradicional da produção arquitetônica de período anterior em Pelotas e a implantação de uma *Villa*.

Figura 6: Esquema organização dos lotes e implantação das edificações



A utilização dos pátios e jardins como um espaço importante para as entrevistadas aparece no relato de C. E. A entrevistada conta a sua preocupação em relação à construção de um imóvel na vizinhança:

Eles tinham que fazer um reboco de um muro pelo meu pátio, e eu tenho uma parreira até hoje, que foi plantada pelo meu vô, e eu me comprometi com eles que eu diminuiria o tamanho da parreira, mas que aquela parreira não tinha preço, então eles teriam que fazer todo o reboco com todo o cuidado do mundo com relação a minha parreira, e eles assim fizeram.

A entrevistada I nos conta sobre as modificações em sua casa para receber os filhos e netos. Na ocasião, I. aumentou a área de refeições e instalou uma piscina para os netos. Lins de Barros (1987) aborda como a casa das avós pode ser modificada a fim de receber as visitas de filhos e netos. Nesse sentido, alguns cômodos podem mudar de função, para abrigar essas pessoas, ou ambientes podem ser ampliados, para receber a todos com maior comodidade. Alguns espaços internos das casas também podem sofrer modificações, dependendo da idade dos netos, quando fraldas, mamadeiras e brinquedos passam a fazer parte da composição dos ambientes residenciais. “Com o nascimento dos netos, a casa das avós passa a ser muitas vezes a ‘sucursal casa dos netos.’” (Lins de Barros 1987, p.125).

Os relatos também trazem histórias da vida cotidiana e, a partir delas, podemos interpretar o uso dos espaços pelas famílias. Entretanto, com maior presença nos relatos estavam não só suas histórias e descrições, mas também os diversos sentimentos que aqueles espaços despertavam nas interlocutoras. A exemplo dessa conformação, M. Z. traz o relato de uma noite de Natal em sua casa: “[...] Aí cada ano era um papai Noel, mas o papai Noel mais sensacional foi a Laura, [interferência - barulho] a barriga caiu! Ela falando quando viu a barriga puf! Caiu. [risos]. Tudo era na brincadeira.”

As casas representaram também momentos de dor e tristeza, como no relato da interlocutora A. M., que não é avó, mas vive na residência que abrigou seus avós e seus pais em tempos passados. Em seu relato, A. M. nos conta a despedida de sua avó da casa, após a morte de seu marido:

E aí a vó nunca quis voltar pra essa casa porque ela disse que aqui as memórias eram muito pesadas pra memória dela já que aqui era a casa deles mesmo. O que ela tinha pra lembrar da vida em comum, os filhos, as gravidezes, tudo era dentro dessa casa.

Ao passo que algumas mulheres se afastaram desse local para viver longe seu luto, outras recordam como nessas casas se refugiaram para viver a mesma experiência. Nesse sentido, M. Z. nos conta:

A minha filha quando morreu do acidente de automóvel foi em setembro, aí eu tava sentada nessa salinha com as gurias que moravam ali, da família T., e eu disse “eu tenho que fazer o natal aqui em casa, netos e tudo isso, mas tá me doendo tanto não sei como que eu vou fazer, se eu pudesse tá escondida”, [...]

Situações como essas, quando há a morte de um ente querido ou a chegada de mais um membro na família, são momentos marcantes para as entrevistadas – dá-se uma intensa mudança no ciclo familiar. Para Velho (1981), as mudanças nas trajetórias de vida acontecem em momentos em que o indivíduo se depara com grandes mudanças, como por exemplo, a perda de um ente querido, a chegada de um novo, ou o fim de um matrimônio. Os relatos das interlocutoras estão interseccionados pelas suas trajetórias de vida e ciclos familiares.

De maneira geral, a partir das entrevistas realizadas, observa-se que as avós ocupam uma função importante na constituição familiar, sua experiência e afetividade com os demais familiares lhes garantem uma posição de respeito (Barros, 1987). Nesse sentido, suas casas também representam espaços importantes para os familiares. As diversas formas de habitar as casas, descritas nos encontros com as entrevistadas, demonstram as relações que as pessoas tecem com esses objetos. Nesse lugar acontecem histórias e se materializam lembranças, sentimentos de afeto e também recordações tristes. Esse olhar para as questões simbólicas do habitar nos mostram o quanto esses objetos materiais, as coisas, são permeadas de laços afetivos, e nos apresentam a importância dessas questões para pensarmos as *Villas* como bens culturais de Pelotas.

6 Conclusão

Os resultados obtidos com a aplicação da metodologia das entrevistas contribuíram significativamente para um entendimento mais sensível sobre a habitação das casas estudadas. Essa prática possibilitou a interpretação de como as pessoas habitam o espaço residencial e principalmente o que motiva as execuções de modificações arquitetônicas, que no caso das avós, tem o principal fim de receber e/ou acomodar melhor seus familiares. Dessa forma, essa coisa que é a casa, assim como suas donas, abre seus braços e se modifica, a fim de abrigar e acolher a todos. Nessa perspectiva, as principais modificações observadas nos casos estudados são ampliações, sem modificações ao corpo original dos edifícios. Essas expansões geralmente vêm atender às necessidades de crescimento do núcleo familiar.

Apesar de certa heterogeneidade entre os perfis das entrevistadas, suas falas frequentemente fazem relações sobre a materialidade de suas casas e suas histórias de vida e familiares. Para as entrevistadas, falar de sua casa envolve falar de suas lembranças e sentimentos, tornando difícil a desvinculação entre materialidade e imaterialidade. Essa característica identificada nas entrevistas adiciona aos relatos forte caráter emocional, tornando-as de valor imensurável para as interlocutoras.

Nesse sentido os ambientes residenciais apresentam-se como um palimpsesto de recordações às entrevistadas. A mesma sala de estar, que servia de escritório para o falecido esposo de M. Z. na década de 1960, é a sala onde chorou a morte da filha anos mais tarde e onde, atualmente, passa a maior parte do tempo, assistindo à televisão. A mesma relação de diferentes recordações e lembranças aos ambientes, proporcionada muitas vezes pela alteração de seu uso, é identificada na fala das demais entrevistadas. Nesse sentido, as relações tempo e espaço da casa vão sendo alteradas, em função das próprias alterações na dinâmica familiar.

No caso especial das avós, ainda é possível identificar outros temas relevantes em suas falas, como por exemplo, o vazio da residência que já foi cheia de familiares e a preocupação do cuidado com esse bem para quando não estiverem mais vivas/os.

No que diz respeito ao tema das manutenções, essas senhoras nos mostram a luta através das gerações pela preservação desses bens. Com poucos ou nenhum incentivo governamental, manter essas residências é uma escolha assumida por parte das entrevistadas. Essas escolhas, por sua vez, são pautadas na relação afetiva que elas têm com esses imóveis.

Dessa forma a casa das avós, esse bem material e edificado, apresenta significados para além da simples habitação: ela representa o ninho familiar, o ponto de encontro e união de gerações. Nesse sentido, a casa das avós, assim como suas proprietárias, carrega em si diversos sentimentos e lembranças caras à sua existência.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Destacamos ainda nosso profundo agradecimento às interlocutoras dessa pesquisa, que tão prontamente compartilharam conosco as histórias de suas casas, que são atravessadas pelas histórias de suas vidas.

Referências

- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T. A. Queiroz Editor LTDA, 1979.
- BOSI, Ecléa. Memória da cidade: lembranças paulistanas. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 17, n. 47, p. 198–211, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142003000100012>. Acesso em: 19 dez. 2024.
- BRASIL. **Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937**. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. 1937. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del0025.htm. Acesso em: 22 jun. 2022.
- GILL, Lorena Almeida. A cidade de Pelotas (RS) e as suas epidemias (1890-1930). **História em Revista – Revista do Núcleo de Documentação Histórica**, [S. l.], v. 11, p. 191–210, 2005. DOI: <https://doi.org/10.15210/hr.v11i11.11596>. Acesso em: 19 dez. 2024.
- GUTIERREZ, Ester J. B. **Barro e sangue: mão-de-obra, arquitetura e urbanismo em Pelotas 1777-1888**. 1999. 550 f. Tese (Doutorado em História do Brasil) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.
- HOMEM, Maria Cecília Naclério. **O palacete paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira: 1867-1918**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- IBGE. **Pelotas (RS) | Cidades e Estados | IBGE**. [S. l.], 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/pelotas.html>. Acesso em: 14 jun. 2022.
- INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, p. 25-44, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832012000100002>. Acesso em: 19 dez. 2024.
- IPHAN. **Conjunto Histórico de Pelotas/RS**. Súmula do Processo de Tombamento no 1512-T-03. [S. l.: s. n.], 2018.
- LINS DE BARROS, Myriam. **Autoridade e afeto: avós, filhos e netos na família brasileira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.
- MAGALHÃES, Mario Osório. **Opulência e cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)**. 1993. 257 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1993.
- MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: NOVAIS, Fernando A.; SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada no Brasil, 3 – República: da Belle Époque à Era do Rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. (3). p. 367–421.
- MOTTA, Lia; REZENDE, Maria Beatriz. Inventário. In: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (org.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural**. 2 ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016. p. 1–39. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/64/inventario>. Acesso em: 11 jul. 2021.

OLIVEIRA, Ana Lúcia Costa de; SILVEIRA, Aline Montagna da. A preservação patrimonial em Pelotas: um olhar sobre a sua trajetória (1955-2014). In: RUBIRA, Luís (org.). **Almanaque do bicentenário de Pelotas**. Pelotas: Editora João Eduardo Keiber, 2014. v. 3, p. 577–591.

PELOTAS. **GeoPelotas**. 2022. Disponível em: <https://geopelotas-pmpel.hub.arcgis.com/>. Acesso em: 23 ago. 2024.

PELOTAS. **Lei nº 4.568 de 2000**. Lei Ordinária 4568 2000 Pelotas RS – DECLARA ÁREA DA CIDADE COMO ZONAS DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE PELOTAS – ZPPCS – LISTA SEUS BENS INTEGRANTES E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS. 2000. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/rs/p/pelotas/lei-ordinaria/2000/456/4568/lei-ordinaria-n-4568-2000-declara-area-da-cidade-como-zonas-de-preservacao-do-patrimonio-cultural-de-pelotas-zppcs-lista-seus-bens-integrantes-e-da-outras-providencias-2000-07-07>. Acesso em: 22 jun. 2022.

PELOTAS. **Lei nº 6.178 de 2014**. Dispõe sobre o Imposto de Propriedade Territorial e Urbana – IPTU, e dá outras providências. 3 dez. 2014. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/rs/p/pelotas/lei-ordinaria/2014/617/6178/lei-ordinaria-n-6178-2014-dispoe-sobre-o-imposto-de-propriedade-territorial-e-urbana-iptu-e-da-outras-providencias>. Acesso em: 22 jun. 2022.

PELOTAS. **Plano Diretor Municipal de Pelotas**. Institui o plano diretor municipal e estabelece as diretrizes e proposições de ordenamento e desenvolvimento territorial no município de Pelotas, e dá outras providências. 11 set. 2008. Disponível em: <http://leismunicipa.is/gicsd>. Acesso em: 9 set. 2020.

PEREIRA, Franciele Fraga. **A arquitetura feminina: o cotidiano e os ambientes residenciais nas Villas e Casas de Catálogo em Pelotas-RS**. 2021. 180 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/9266>. Acesso em: 7 abr. 2022.

PEREIRA COSTA, Staël de Alvarenga; GIMMLER NETTO, Maria Manoela. **Fundamentos de morfologia urbana**. Belo Horizonte: C/Arte, 2015.

RABELLO, Sonia. O tombamento. In: REZENDE, Maria Beatriz *et al.* (org.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural**. 1. ed. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2015. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Tombamento%20pdf\(1\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Tombamento%20pdf(1).pdf). Acesso em: 20 jun. 2022.

SANTOS, Carlos Alberto Ávila. **Ecletismo em Pelotas: 1870-1930**. Pelotas: Editora Universitária UFPel, 2014.

SCHETTINO, Patrícia Thomé Junqueira. **A mulher e a casa: estudo sobre a relação entre as transformações da arquitetura residencial e a evolução do papel feminino na sociedade carioca no final do século XIX e início do século XX**. 2012. 322 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/BUOS-96NJP8>. Acesso em: 19 dez. 2024.

SCHLEE, Andrey Rosenthal. **O ecletismo na arquitetura pelotense até as décadas de 30 e 40**. 1993. 215 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.

SILVA, Valentina de Farias Betemps da; SILVEIRA, Aline Montagna da; PEREIRA, Franciele Fraga. Villas e Casas de Catálogo no sítio do Primeiro Loteamento de Pelotas-RS: relações entre tipologia arquitetônica e morfologia urbana. **Revista de Morfologia Urbana**, v. 9, n. 1, p. 1–16, 2021. DOI: <https://doi.org/10.47235/rmu.v9i1.181>. Acesso em: 19 dez. 2024.

SMITH, Laurajane. **Uses of heritage**. Nova Iorque: Routledge, 2006.

SOARES. Sistema de Documentação do Patrimônio Cultural Brasileiro. **ÁGORA: Arquivologia em Debate**, [S. l.], n. 6, p. 34–39, 2011. Disponível em: <https://agora.emnuvens.com.br/ra/article/view/322>. Acesso em: 19 dez. 2024.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura: notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.